



Imagens de vidro: inflexões Yanomami na campanha “Fora garimpo, Fora Covid!”

Julia Siscar 

Graduada em 2023 em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo; mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma Instituição; mora em Guarulhos/SP/Brasil.

Email: julia.siscar@unifesp.br

Resumo

Este texto se volta para a campanha “Fora Garimpo, Fora Covid”, em que lideranças dos povos Yanomami e Ye’kwana, com seus parceiros, buscaram fazer visíveis no debate público os efeitos nefastos da presença garimpeira em sua Terra Indígena, que trouxe a Covid e outras violências à vida das comunidades. Juntamente com as denúncias, a campanha buscou apoio da sociedade civil nacional e internacional em suas reivindicações junto ao Estado brasileiro pelo cumprimento de seus direitos constitucionais durante a pandemia. Tendo a campanha pela demarcação da Terra Indígena nos anos 1980 e 90 como contraponto, busco abordar as inflexões trazidas pelas tecnologias digitais de comunicação, em que as imagens de vidro dos celulares constituem uma nova frente para se fazer ouvir pelos brancos, apresentando continuidades e singularidades em relação às peles de papel tematizadas por Davi Kopenawa.

Palavras-chave: Yanomami; Garimpo; Covid; Campanha Fora Garimpo, Fora Covid; Participação indígena na internet.



Glass images: Yanomami inflections in the campaign “Fora garimpo, Fora Covid!”

Abstract

This text focuses on the campaign “Fora Garimpo, Fora Covid”, in which leaders of the Yanomami and Ye'kwana peoples, with their partners, sought to make visible in the public debate the harmful effects of the *garimpo* (illegal mining) in their Indigenous Land, which brought the Covid and violence to the lives of communities. Along with the denunciations, the campaign sought support from national and international civil society in its claims to the Brazilian State for the observance of its constitutional rights during the pandemic. Having the campaign for the demarcation of the Indigenous Land in the 1980s and 90s as a counterpoint, I seek to address the inflections brought about by digital communication technologies, in which the glass images of cell phones constitute a new front to be heard by the Whites, presenting continuities and singularities in relation to the paper skins themed by Davi Kopenawa.

Keywords: Yanomami; Mining; Covid; Campaign Out Garimpo, Out Covid!; Indigenous participation on the internet.



Fotos de Adriano Machado/ISA da obra “O Sopro dos Xapiri”, em que desenhos de Joseca Yanomami foram projetados no Congresso Nacional em Brasília, 2020

O sopro dos Xapiri no concreto de Brasília e nas telas de vidro dos celulares (Introdução)

Em dezembro de 2020, imagens dos *xapiri* (espíritos da terra-floresta) desenhadas por Joseca Yanomami¹ foram projetadas no Congresso Nacional em Brasília e multiplicadas em canais do YouTube, da mídia e de redes sociais². Quase um ano após deflagrada a pandemia – precedida pela explosão do garimpo e somada a outros problemas sanitários, ambientais e sociais causados pelos brancos na Terra Indígena Yanomami (TIY) – essa exibição, designada “o Sopro dos Xapiri”, buscava ativar no concreto das instituições do Estado a força do brilho reluzente dos seres espirituais da floresta. A exibição marcou o encerramento da campanha “Fora Garimpo, Fora Covid!”, com a entrega a autoridades dos poderes legislativo e executivo³ de mais de 400 mil assinaturas pedindo a desintrusão da TIY.

A campanha “Fora Garimpo, Fora Covid!” foi realizada pelo Fórum de Lideranças Yanomami e Ye’kwana⁴, juntamente com parceiros e aliados, buscando fazer frente às invasões garimpeiras e ao coronavírus, de modo a chamar a atenção do mundo para a crescente devastação do território onde vivem esses povos. Particularmente no que diz respeito aos Yanomami, a pandemia de Covid-19 resgata a memória de semelhantes tragédias que já assolaram esse povo, sempre trazidas pela entrada de brancos em suas terras: na década de 1940 com a Comissão de Limites⁵; em 1950 com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI); nas décadas de 1950 e 1960 com missionários evangélicos, e na década de 1970 com

¹ Joseca Yanomami nasceu na década de 1970, na região do Demini, na TIY. No início dos anos 1990 foi o primeiro estudioso de línguas e professor da comunidade Watoriki e também o primeiro Yanomami a trabalhar na área da saúde. Começou a desenhar e esculpir animais em madeira no início dos anos 2000 e em 2022 contou com uma exposição com mais de 90 desenhos no MASP. Mais informações em <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/obras-de-joseca-yanomami-sao-exibidas-no-masp-em-sao-paulo>.

² Foi feita uma *live* com a transmissão ao vivo dessa exibição, disponível no canal do YouTube do ISA e já conta com mais de sete mil visualizações. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=b-Itr31QwY>.

³ A petição foi enviada à época para Rodrigo Maia (presidente da Câmara dos Deputados), Davi Alcolumbre (presidente do Senado Federal), Eduardo Fortunato Bim (presidente do IBAMA), Fernando Azevedo (Ministro da Defesa e das Forças Armadas), André Mendonça (Ministro da Justiça) e General Hamilton Mourão (Vice-presidente da República).

⁴ Os Yanomami vivem na região norte da Amazônia, nos dois lados da fronteira entre Venezuela e Brasil. A TIY incide nos estados do Amazonas e de Roraima e as comunidades yanomami que nela vivem se dividem em pelo menos quatro subgrupos que falam línguas da mesma família (Yanomae, Yanômami, Sanumá e Ninam). Na Venezuela, em 2011 os Yanomami somavam cerca de 15 mil pessoas. No Brasil, segundo dados da Sesai para esse mesmo ano, a população era de 19.338 yanomami, divididas em 228 comunidades (mais informações em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>). Os Ye’kwana são um povo de língua karíb cuja maior parte da população vive na Venezuela. Nesse país habitam mais de 8 mil pessoas em mais de 60 aldeias. Já no Brasil, os Ye’kwana somam cerca de 760 pessoas (Sesai, 2019) vivendo em três aldeias principais na TIY (mais informações em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ye'kwana>).

⁵ Comissão Brasileira Demarcadora de Limites reunia órgãos ligados ao Ministério das Relações Exteriores encarregados de demarcar e caracterizar os limites territoriais brasileiros.

a abertura da estrada Perimetral Norte cortando o território Yanomami no oeste de Roraima (Albert,1986). Desde então, o território vem sendo invadido regularmente por garimpeiros, mas esse montante cresceu enormemente desde a campanha presidencial de 2018 e durante o governo Bolsonaro, declaradamente incentivador do garimpo. Estima-se que mais de 20 mil garimpeiros tenham invadido a TTY nos anos do governo Bolsonaro e que tenham trazido a *covid* a esse território, no bojo de outras doenças e adversidades. Nesse cenário, a campanha buscou fazer visível a destruição e a violência que os Yanomami experimentam em sua terra, buscando repercutir também a presença e a força dos *xapiri* e seres da floresta na evitação de um cataclisma que destruiria todos os viventes. Por ocasião da exibição “O Sopro dos Xapiri”, assim declarou Davi Kopenawa em Brasília:

Nós estamos mostrando a nossa cultura para a cidade grande, para o homem branco que não conhece. Estamos divulgando os cantos da floresta – canto da riqueza, da saúde, da comida, da água – o canto dos *xapiri*, que é muito importante para todos nós. Não só para os Yanomami e povos indígenas, mas porque o *Xapiri* é o principal espírito que entra em contato com o universo para segurar a queda do céu⁶.

Os *xapiri* são invisíveis aos olhos humanos, mas não aos xamãs quando inalam *yãkoana* – pó feito da parte interna da casca da árvore *yakoana hi* e que é alimento desses espíritos⁷ – ou por meio de sonhos.

Todo ser possui uma *utupë*, uma imagem interna que é exatamente igual ao corpo, e se constitui como núcleo do princípio vital fundamental. De modo geral, o *pei utupë* engloba todas as formas de representação, como a sombra, o reflexo (na água ou, mais recentemente, nos espelhos), e até mesmo o eco da voz. Quando aplicado ao mundo dos não indígenas, abrange tudo relacionado a imagens, como fotografias (físicas ou digitais), imagens na televisão, gravuras, estátuas, pinturas, uma versão em miniatura de algo, ou desenhos⁸. Sob o efeito da *yãkoana*, são os *utupë* dos seres que os xamãs veem. Essas imagens vitais estão presentes em todos os seres – humanos ou mais que humanos, animados ou inanimados – e são elas que os xamãs “chamam”, “fazem descer” e “fazem dançar” em suas sessões de xamanismo (Limulja, 2019, p.47). Desse modo, tudo que existe no mundo possuiria uma imagem, e ela é o verdadeiro interior de tudo que existe (Kopenawa & Albert, 2015, p.181).

⁶ Depoimento disponível em: <http://obind.eco.br/2021/08/23/isa-filme-o-sopro-dos-xapiri-estreia-na-mobilizacao-nacional-indigena-luta-pela-vida-em-brasilia/>

⁷ Segundo classificações não indígenas, o principal princípio ativo alterador de consciência dessa substância é o DMT (dimetiltryptamina).

⁸ Apesar de todas as expressões de nossa iconofilia serem chamadas pelos yanomami pelo termo *utupë*, ele não pode, jamais, ser reduzido a essas representações. “Although the image as a concept is the cornerstone of their ontology and cosmology, the Yanomami never represent their shamanic images in any esthetic form on any kind of material support. We were thus confronted with the paradox of a culture that focuses on shamanic images, but which has, in fact, little interest in iconicity and which conceives of images as ‘invisible’ or else limited to the vision of the ‘spirit people’ (shamans) and inaccessible to the ‘ghost eyes’ of ‘ordinary people’ (*kuapora thë pë*)” (Albert, 2014:239).

No tempo das origens, antes do demiurgo *Omama* estabilizar a natureza, todos eram humanos com nomes de animais e viviam se metamorfoseando. Porém, em razão de um comportamento desregrado dos ancestrais dos Yanomami, que constituíam a primeira humanidade, as “peles” (*siki*) desses animais deram origem aos animais de caça, ao passo que suas imagens (*utupë*) originaram os *xapiri pë*, espíritos auxiliares que são convocados pelos xamãs yanomami em suas sessões de xamanismo (Kopenawa & Albert, 2015:614). Porém, não é apenas esse grupo que existe enquanto imagem. É igualmente o caso de tudo que existe no mundo, inclusive elementos inanimados, como objetos, fatores geográficos e/ou meteorológicos.

Os xamãs são como antenas que chamam os seres-imagem (*xapiri*) do tempo das origens, trazendo-os ao mundo visível⁹. É o “tornar-se imagem”, que permite que os xamãs interajam com imagens radicalmente outras e produzam agenciamentos entre diferentes mundos que, juntos, compõem a multidiversidade do cosmos. “Here, the shaman’s ‘becoming image is not, therefore, a matter of *mimesis* or representation, but rather of transduction and “presentification” that is, of incorporation of the invisible into “image-bodies.” (Albert, 2014:241).

A *utupë*, aqui, assume um papel fundamental na cosmologia e na ontologia yanomami. De acordo com Kopenawa,

Todos os seres da floresta possuem uma imagem *utupë*. São essas imagens que os xamãs chamam e fazem descer. São elas que, ao se tornarem *xapiri*, executam suas danças de apresentação para eles. São elas o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos animais que caçamos. São essas imagens os animais de caça de verdade, não aqueles que comemos! São como fotografias destes. Mas só os xamãs podem vê-las. A gente comum não consegue. Em suas palavras, os brancos diriam que os animais da floresta são seus representantes (Kopenawa & Albert, 2015:116).

Este texto objetiva colocar em perspectiva ações dos Yanomami em fazer-se ouvir pelos brancos e atrair aliados na proteção de sua terra e na evitação do fim de toda a Terra. Particularmente, buscamos articular conteúdos e estratégias da campanha, publicações e *lives*, além de conversas com pessoas¹⁰ que participaram da campanha ou que acompanham há anos os desafios dos Yanomami frente ao garimpo e a doenças oriundas dos brancos. Enquanto a primeira seção do texto enfatiza a campanha “Fora Garimpo, Fora Covid!”, a segunda parte toma como contraponto a campanha pela demarcação da TIY. Quase três décadas as separam, sendo ambas as campanhas marcadas pelo antagonismo da invasão garimpeira, as doenças dos brancos, a negligência de instâncias governamentais e a busca por alianças em escala local (entre os viventes na TIY), nacional, mundial e cósmica.

⁹ Manifestam sua presença por meio da “tomada de corpo” empreendida pelo transe xamânico.

¹⁰ Citamos neste artigo trechos de conversas com: Marília Garcia Senlle (05/04/2021); Dário Kopenawa (30/04/2021); Majoi Gongora (28/04/2021); Hanna Limulja (18/09/2021); Ana Maria Machado e Brisa Catão (23/09/2021).

Na campanha pela demarcação, o apelo dos Yanomami foi ouvido em razão da mobilização na imprensa escrita, redes de televisão, manifestações nas ruas e conferências do líder Davi Kopenawa em vários países do mundo. Desde essa época ele passou a se dedicar à produção de um livro, a partir da transcrição, tradução e edição de seu parceiro Bruce Albert de relatos gravados em língua nativa, resultando em um “texto escrito/falado a dois” (Albert, 2015, p.537). A destruição da floresta, as epidemias e o avanço dos garimpeiros fizeram com que Kopenawa sentisse a necessidade de falar aos não indígenas de um modo que seja a eles compreensível e valorizável. Como observa o xamã, os brancos só reconhecem como conhecimento aquilo que está desenhado em peles de papel. Daí o projeto de fixar suas palavras para que possam ser levadas aos brancos, como ele destaca em uma parte de seu livro com Albert:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte (Kopenawa & Albert, 2015, p.75)

Partindo da imagem das *peles de papel* de Kopenawa, na presente conjuntura podemos reconhecer também as *imagens de vidro* das telas dos celulares e computadores como meio incontornável de se fazer ouvir pelos não indígenas. A campanha “Fora Garimpo, Fora Covid!” se valeu intensamente desse recurso, por meio de notícias, *lives*, vídeos e postagens de lideranças yanomami e ye'kwana e seus aliados. Continuidades e singularidades na agentividade dessas formas de luta serão tematizadas ao longo do texto.

“Fora Garimpo, Fora Covid!”: um apelo pelas imagens de vidro

“Três mulheres vivem um horror para o qual será preciso inventar um nome”. Assim o jornal *El País* abre uma matéria assinada por Eliane Brum denunciando violências cometidas contra os Yanomami com a deflagração da pandemia de Covid-19¹¹. Em maio de 2020, três mulheres Sanumá - subgrupo Yanomami - foram levadas a Boa Vista/RR com seus filhos pequenos, com suspeita de pneumonia. Já no hospital público, as crianças teriam contraído o coronavírus e acabaram falecendo. Seus corpos desapareceram e passaram-se semanas até que soubessem que estavam enterrados no

¹¹ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>.

cemitério municipal¹². Essas mães não falam português, e não havia tradutores para elas. Abandonadas pelo poder público, sem entender a “língua de fantasma” dos *napé* (brancos), seus bebês desapareceram e ninguém lhes explicou o que estava acontecendo. Bruce Albert, em entrevista dada ao jornal *El País*, compara “o enterro secreto e compulsório, biosseguro, das vítimas da covid-19” aos “desaparecidos políticos” na época da ditadura militar. E conclui que “roubar os mortos alheios e negar o seu luto sempre foi o estágio supremo da barbárie, no desprezo e na negação do Outro (étnico/político)”¹³. O antropólogo ainda destaca que o enterramento é um destino inaceitável para o corpo entre os Yanomami, uma vez que os mortos precisam ser cremados e há um longo ritual funerário para que a pessoa possa ir às costas do céu, destino adequado para suas almas. Na mesma direção, Silva e Estellita-Lins (2021) detalharam como a morte implica estágios de luto com protocolos específicos que se estendem até o ritual funerário *reahu*.

Os Yanomami contam que, na morte, os componentes imateriais da pessoa se desprendem do corpo para se transformarem nos *pore*, almas-fantasmas dos mortos cujo destino, após a vida, é uma aldeia na floresta acima das costas do céu. Sobretudo, o *reahu* permite o esquecimento. Fazer desaparecer as cinzas e a memória do morto é conjurar a possibilidade de sua permanência no mundo dos vivos e de um possível retorno para atrair seus parentes para si, levando-os à doença e à morte. Desse modo, o enterro biosseguro, ao fazer permanecer o morto, além de ser um fato revoltante e uma dor profunda para os parentes, representa um desequilíbrio perigoso entre o mundo dos vivos e dos mortos, atualizado na agência patogênica da saudade e dos *pore* (Silva & Estellita-Lins, 2021, p.271).

O caso das mortes dos bebês yanomami ganhou grande repercussão na mídia e, no dia 26 de junho de 2020, a *hashtag* #criançasYanomami ficou durante horas entre os assuntos mais comentados do Twitter. Esse caso também foi detalhado no relatório *Xawara: rastros da covid-19 na Terra Indígena Yanomami e a omissão do Estado* veiculado na página da campanha¹⁴. Segundo esse documento, as mães passaram mais de um mês sem saber o paradeiro de suas crianças e foram então encaminhadas à Casai-Y (Casa de Apoio à Saúde Indígena-Yanomami), na espera de um voo para retornar à aldeia. Ali, elas também foram contaminadas pelo coronavírus, figurando entre os quase 200 Yanomami que contraíram a doença nessa instituição do Subsistema de Saúde Indígena do Governo Federal entre abril e outubro de 2020¹⁵.

No mês anterior, ocorrera a primeira morte por covid entre os Yanomami. Em uma comunidade nos arredores do rio Uraricoeira, que é a área mais invadida pelo garimpo ilegal na TIY, um jovem de

¹² No auge da pandemia, em 2020, foi lançado pelo Ministério da Saúde um protocolo de enterramento biosseguro que proibia a realização de velórios. Os corpos deveriam ser sepultados ou enviados para a cremação de maneira direta, não podendo ultrapassar 24 horas após o óbito. Disponível em: <http://portal.guaratuba.pr.gov.br/noticia/1855/titulo/entenda-os-protocolos-para-funeral-em-tempo-de-pandemia>.

¹³ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>.

¹⁴ <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/xawara-rastros-da-covid-19-na-terra-indigena-yanomami-e-omissao-do-estado>

¹⁵ <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/xawara-rastros-da-covid-19-na-terra-indigena-yanomami-e-omissao-do-estado> (p.13).

15 anos sentiu os primeiros sintomas da doença em 18 de março de 2020. Ele então passou por diversos postos de saúde sem ser submetido a um teste de covid, só sendo diagnosticado no dia 3 de abril, após ser internado já em estado crítico. O jovem faleceu pouco depois, no dia 9 de abril de 2020¹⁶.

Com o intuito de fazer frente ao garimpo e ao coronavírus, a campanha “Fora Garimpo, Fora Covid!” foi uma iniciativa do Fórum de Lideranças Yanomami e Ye’kwana, Hutukara Associação Yanomami (HAY), Associação Wanasseduume Ye’kwana (SEDUUME), Associação das Mulheres Yanomami Kumirayoma (AMYK), Texoli Associação Ninam do Estado de Roraima (TANER) e Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA). Tratou-se de uma campanha internacional e interinstitucional, com apoio da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), ISA (Instituto Socioambiental), Greenpeace Brasil, Conectas Direitos Humanos, Anistia Internacional, RCA (Rede de Cooperação Amazônica, Instituto Igarapé, Fundação Rainforest Noruega, Fundação Rainforest EUA e Amazon Watch.

Essa articulação teve início em novembro de 2019, quando foi organizada a primeira edição do Fórum de Lideranças da Terra Indígena Yanomami, na comunidade de Davi Kopenawa, em Watoriki/AM. Por sua vez, a criação do fórum resultou de cinco anos de trabalho para a formulação do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da TI, envolvendo comunidades Yanomami e Ye’kwana¹⁷ por meio de reuniões regionais e a cada ano um grande encontro com todas as associações e lideranças. Em conversa conosco, Marília Garcia Senlle – antropóloga então vinculada ao Instituto Socioambiental que atuou intensamente na campanha – comenta que tais reuniões ensejaram uma maior mobilização e articulação interna à TIY visando a consolidação de um discurso político para os não indígenas, culminando na constituição do Fórum. Particularmente, os encontros foram importantes para que as comunidades da TI construíssem ou reforçassem sua aliança na defesa de um território pensado em continuidade, a despeito de diferenças de ordem linguística (há, pelo menos, seis línguas faladas nas aldeias yanomami, além dos Ye’kwana), política, xamânica e de proximidade variada com não indígenas, incluindo conflitos e especificidades conjunturais.

Com a criação do Fórum, lideranças Yanomami e Ye’kwana viajaram no final de 2019 para Brasília e Manaus com o propósito de apresentar o PGTA a governantes¹⁸. Pouco depois, entre 4 e 8 de

¹⁶<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-10/yanomami-de-15-anos-morre-vitima-do-coronavirus-em-roraima.html>.

¹⁷ O PGTA é resultado de um processo de construção coletiva em que participaram lideranças Yanomami e Ye’kwana de diferentes regiões da TIY e as mencionadas associações que as representam.

¹⁸ Davi Kopenawa e outros sete diretores das principais Associações da TIY percorreram 13 órgãos federais em Manaus e Brasília para entregar o documento às autoridades competentes. Em Brasília, o PGTA e o protocolo de consulta foram entregues em mãos a deputados no Congresso Nacional, Ministério da Saúde, Ministério do Meio Ambiente, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Ministério da Educação, Ministério da Defesa, Funai,

novembro de 2021, com a pandemia já deflagrada, houve a segunda reunião do Fórum de Lideranças na Terra Indígena Tabalascada, município do Cantá, ao norte de Roraima, onde se encontra parte do povo Wapichana. Em conversa conosco, Dário Kopenawa, filho de Davi, comentou que mais de duzentas lideranças Yanomami e Ye'kwana - envolvendo líderes tradicionais, xamãs, diretores e diretoras das organizações, parceiros e colaboradores - se reuniram e decidiram realizar uma campanha internacional com o tema do garimpo e do novo coronavírus.

Foi criada uma página para sediar a campanha¹⁹, na qual há um pedido de socorro e um alerta dos Yanomami e Ye'kwana aos brancos para que ajudem a evitar um genocídio. Há um apelo para que os brancos se sensibilizem com a catástrofe que o novo coronavírus, combinado ao garimpo, representa para esses povos:

As comunidades da Terra Indígena Yanomami estão gravemente ameaçadas! No passado, perdemos muitos de nossos familiares para as doenças que os não indígenas trouxeram e ainda hoje sofremos com essas perdas. Não queremos que tragam mais doenças, ameaçando a vida de nossos parentes. Hoje, estamos mais uma vez sob risco de Xawara (epidemia) trazida pelos não indígenas, que vocês estão chamando de Coronavírus.²⁰

Tal apelo se expressa também em termos gráficos dentro do *site*. As cores preta, cinza e vermelha são predominantes, remetendo à luta, luto e ao sangue indígena. Escrito em vermelho e em caixa alta, lemos “Ouça o recado Yanomami” e “Você pode impedir o genocídio Yanomami”, buscando sensibilizar o internauta para a catástrofe que está posta.



Ministério Público Federal, Secretaria de Governo e Embaixada da Noruega. Em **Manaus**, as **lideranças Yanomami** entregaram os documentos ao Comando Militar da Amazônia, ao **ICMBio** regional e ao Ministério Público do Amazonas.

¹⁹ <https://www.foragarimpoforcovid.org/#>

²⁰ <https://www.foragarimpoforcovid.org/>

A campanha buscou arrecadar assinaturas da sociedade civil, a fim de se somarem a uma petição redigida pelos Yanomami, Ye'kwana e seus parceiros exigindo que medidas fossem tomadas para a desintrusão imediata do território tomado por garimpeiros, pressionando as autoridades para cumprirem o que está previsto em lei, além da adoção de medidas sanitárias protetivas adaptadas à realidade das aldeias. Com quase quatro meses de mobilização, a campanha chegou à marca de 400 mil assinaturas e foi entregue às autoridades no dia 3 de dezembro de 2020.

Dario Kopenawa foi um grande porta-voz da campanha, fazendo numerosas *lives* e entrevistas. Ao mesmo tempo em que recebia demandas de jornalistas, pesquisadores e ativistas, ele também se comunicava com os Yanomami de todo território. Em nossa conversa com Senlle, ela destaca que esse papel articulador foi um grande desafio para Dário, em razão do variado espectro de atores e demandas, desde cobranças das lideranças Yanomami e Ye'kwana nas comunidades, até denúncias e busca por apoio junto a governantes - entre os quais o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, com quem ele conversou em julho de 2020. “Isso exigiu dele uma habilidade de diálogo e de tradução de mundos que é muito sofisticada, e que é uma habilidade que o Davi tem de modo impressionante”, afirma Senlle.

Ao lado de Dário, Maurício Ye'kwana teve grande protagonismo em dar voz e corpo a essa campanha, fazendo também esse exercício de tradução entre mundos para criar instâncias de diálogo, denúncia e sensibilização dos brancos. “Fui chamado para poder somar na luta dessa campanha e dar continuidade, tentar chamar a atenção do mundo, das pessoas que abraçam a luta dos povos Yanomami e Ye'kwana e que não é diferente da luta de todos os povos indígenas”, afirma Maurício ao ISA²¹.

A campanha tinha o desafio de mostrar ao mundo como a invasão garimpeira trouxera a pandemia e uma escalada de violência ao território. Também fora da TIY lideranças e parceiros envolvidos na campanha foram ameaçados, a exemplo de Dario e Marília, os quais tiveram que se retirar de Boa Vista para preservar suas vidas. A Hutukara Associação Yanomami enviou dois ofícios às autoridades competentes - Ministério Público Federal, Funai e Polícia Federal - solicitando apoio na proteção da TI após uma comunidade nas margens do rio Uraricoeira - como mencionado, trata-se de uma das áreas mais afetadas pelo garimpo ilegal na TIY - ter sido atacada a tiros. Alguns agentes da Polícia Federal foram enviados, mas eram insuficientes para fazer frente aos garimpeiros. Houve um confronto armado de garimpeiros contra indígenas e agentes da PF, com intensa troca de tiros na tarde do dia 11 de maio de 2021. Em um depoimento à CNN²², quando uma equipe da emissora visitou o

²¹<https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/mauricio-yekwana-assume-campanha-pressao-so-acaba-quando-garimpeiros-forem-retirados>

²² <https://edition.cnn.com/2021/07/19/americas/amazon-illegal-mining-brazil-cmd-intl/index.html>.

local, Neila Yanomami afirmou: “Bolsonaro, você é um ignorante. E porque você é ignorante, deixou essas pessoas entrarem em nossa terra. Você precisa tirá-las agora. Esta é a nossa terra. Esta é a nossa água, não é a sua água”. No dia 12 de maio de 2021, a Huturaka enviou então um terceiro ofício, dessa vez dirigido ao Exército, solicitando apoio logístico e a instalação de um posto emergencial para a garantia da segurança na região²³. Segundo o *site* de notícias G1²⁴, o Exército Brasileiro informou que no dia 12 de maio de 2021 enviou uma equipe à comunidade de Palimiú, mas não comunicaram quantos agentes foram enviados nem quanto tempo ficariam no local.

Um dos motivos que levaram à escalada de violência dentro da TIY é a presença da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). Originada no estado de São Paulo, o PCC expandiu sua área de atuação para a Amazônia por meio de unidades prisionais nessa região, passando a se fazer presente em garimpos ilegais de Roraima e do Amazonas. Particularmente na TIY, como mencionado, são mais de 20 mil garimpeiros circulando ilegalmente e retirando ouro e outros minérios do solo, mesmo contando com a presença do Exército brasileiro, que mantém o 4º Batalhão de Fronteira em Surucucu.

Ana Maria Machado, antropóloga e aliada dos Yanomami desde 2007, em conversa conosco, comenta que nessa leva recente não são mais aqueles garimpeiros de décadas anteriores que procuravam se aventurar na floresta com suas bateias. “São milícias e têm todo um aparato de políticos poderosos por trás”. Ademais, os equipamentos são mais caros e de mineração intensiva por meio de balsas, de modo que a antropóloga indaga: “quem é que tem de 3 a 5 milhões pra colocar no garimpo se não o PCC, milícia ou grandes empresários?”. Ainda segundo Machado, mineradoras ilegais desviaram o Rio Mucajá e ainda postaram foto no Facebook, em uma página chamada “Garimpeiros de Roraima”.

Em fevereiro de 2020, a Hutukara e parceiros denunciaram o governo brasileiro ao Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, na Suíça, por seu ataque aos povos indígenas e à floresta amazônica. Davi Kopenawa foi premiado, no dia 4 de dezembro de 2019, com o Right Livelihood Award, mais conhecido como Nobel Alternativo, em vista de sua “corajosa determinação em proteger as florestas e a biodiversidade da Amazônia, e as terras e a cultura dos povos indígenas”²⁵. Em concomitância, temos o discurso predatório do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU. “Lamentável”, “ofensivo”, “racista” e “paranoico” foram alguns dos adjetivos

²³ https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/oficio_hay_-_acoes_emergenciais_no_palimiu.pdf.

²⁴ <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/12/exercito-envia-tropas-para-comunidade-alvo-de-confrontos-na-terra-indigena-yanomami.ghtml>.

²⁵ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49823265>

mobilizados por organizações indígenas para caracterizar a fala de Bolsonaro na terça-feira do dia 24 de setembro de 2019.²⁶

Outro caso repercutido pela imprensa e nas redes sociais ocorreu no dia 12 de outubro de 2021. Duas crianças yanomami de 4 e 5 anos na comunidade de *Macuxi Yano*, em Alto Alegre/RR, brincavam na beira do rio Parima quando, pela correnteza causada por uma draga – maquinário usado pelo garimpo ilegal na região – foram sugadas para o meio do rio e desapareceram. O corpo do menino mais velho foi encontrado no dia 13, e do mais novo no dia 14, após uma busca feita pela equipe de mergulhadores do Corpo de Bombeiros. Segundo reportagem do G1²⁷, a segunda criança estava de braços no rio, em meio a galhos e folhas, suja de lama.

A campanha buscava dar visibilidade a esses acontecimentos, denunciando-os aos órgãos competentes e junto à imprensa. Além da covid, a presença garimpeira veio incorrendo no aumento exponencial de casos de malária. Segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), nos últimos cinco anos houve um aumento de 473% dos casos dessa doença. Tal índice se deve aos invasores, como também ao sucateamento do programa de erradicação da doença desde 2016, quando o Ministério da Saúde o fundiu a programa de controle de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*²⁸. Majoi Gongora, antropóloga que trabalha com os Ye'kwana que vivem na TIY, em conversa conosco comenta que atualmente há uma incapacidade do DSEI em adotar medidas efetivas no combate à malária, e não por falta de recursos, mas por má gestão. A malária é uma doença tratável, mas faltam equipamentos que diagnostiquem a doença, como lâminas e microscópio. “É um total abandono, não tem outra palavra”, diz a antropóloga. O relatório *Xawara* também enfatiza a relação da malária com o desmatamento e a degradação socioambiental promovida pelo garimpo, assim como a precariedade dos serviços de saúde, com falta de medicamentos e postos de saúde sendo fechados nas comunidades.

Somado à violência e adoecimentos como malária e covid, o garimpo traz consequências sanitárias desastrosas em razão do mercúrio usado para separar o ouro de outros sedimentos. Trata-se de um metal neurotóxico que pode causar danos cognitivos, motores, doenças cardíacas, perda de visão, complicações renais, entre outros. O incentivo ao garimpo ilegal promovido pelo governo Bolsonaro provocou, somente nos anos de 2019 e 2020, o despejo de um volume estimado em 100 toneladas de mercúrio em águas amazônicas²⁹.

²⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49819045>

²⁷ <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/10/19/investigacao-denuncia-morte-de-criancas-yanomami-sugadas-em-rio-por-draga-de-garimpo.ghtml>

²⁸ <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/08/02/covid-garimpo-malaria-yanomami.htm>

²⁹ <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-20/explosao-do-garimpo-ilegal-na-amazonia-despeja-100-toneladas-de-mercurio-na-regiao.html>

Já em 2022, lideranças indígenas, artistas, políticos e entidades se engajaram em denunciar violências que mulheres vêm sofrendo em razão da presença garimpeira. Em abril, teve grande repercussão a notícia do estupro seguido de assassinato de uma menina yanomami de 12 anos por garimpeiros na região de Waikás, onde se encontra a comunidade de Aracaçá/RR³⁰. Em depoimento a uma reportagem à Amazônia Real³¹, Junior Hekurari Yanomami, presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena no Dsei-Y, comenta que “enquanto a maior parte dos indígenas caçava, os garimpeiros se aproveitaram para invadir a comunidade”. Além da menina, ele afirma que uma mulher e uma outra criança de quatro anos foram levadas pelos garimpeiros. A criança foi atirada no rio e a mulher, única sobrevivente, conseguiu escapar do acampamento para onde havia sido levada juntamente com as outras duas meninas, nadando até a comunidade.

O garimpo enseja diversas formas de violência, e a perpetrada contra as meninas e mulheres possui um caráter histórico e recorrente. Acompanhando esse novo contexto de invasão massiva, o aumento das violências sexuais e de outras ordens contra a mulher indígena continua a ser invisibilizada.³² Para se contrapor a esse silenciamento da sociedade, houve uma continuação da campanha que, ampliada, buscou também fazer frente à violência contra as mulheres indígenas, divulgando materiais para trazer o tema ao debate público. De acordo com o relatório “Yanomami sob ataque: garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para combatê-lo”³³ da Hutukara Associação Yanomami, publicado em abril de 2022, há relatos de garimpeiros embriagados invadindo as aldeias, assediando as mulheres e estuprando jovens que apenas haviam tido a primeira menstruação. O relatório revelou também, segundo relatos de pesquisadores, casos de garimpeiros oferecendo comida em troca de sexo com adolescentes.

Após as denúncias sobre o caso da menina que foi estuprada até a morte serem feitas, a comunidade de Aracaçá foi encontrada queimada e vazia. Separados por um rio, a comunidade e o garimpo se encontram a poucos minutos de distância. Em um comunicado emitido pela Polícia Federal, que esteve na região após pedido de Junior Yanomami³⁴, a PF afirma que alguns indígenas relataram que não poderiam falar pois uns estavam sob ameaça, e outros teriam recebido 0,5 grama de ouro para manter o silêncio. Segundo reportagem³⁵, “relataram ainda que outros crimes já aconteceram na região

³⁰<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/yanomamis-foram-ameacados-e-silenciados-diz-lider-indigena-sobre-suspeita-de-estupro.shtml>

³¹ <https://amazoniareal.com.br/menina-yanomami-estuprada-morta/>

³² <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/a-violencia-do-garimpo-contrameninas-e-mulheres-indigenas-no-brasil/>

³³ https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0491_1.pdf

³⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/aldeia-onde-menina-yanomami-teria-sido-estuprada-e-encontrada-queimada.shtml>

³⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/aldeia-onde-menina-yanomami-teria-sido-estuprada-e-encontrada-queimada.shtml>

e que recentemente um recém-nascido foi levado para a capital, Boa Vista, por um garimpeiro que alegava ser pai da criança".

Com a veiculação sobre a devastação da aldeia, houve uma grande mobilização e a pergunta “Cadê os Yanomami?” tomou conta das redes sociais em maio de 2022, sendo repostada por celebridades, a exemplo da cantora Anitta.



Houve um empenho em fazer visível o que estava acontecendo com o lançamento da pergunta “Cadê os Yanomami?”, para que, somando forças, o Estado fosse pressionado e se responsabilizasse em fazer algo de efetivo e combativo a esse contexto. Aqui, as imagens de vidro foram centrais para a divulgação das denúncias e para a mobilização da sociedade civil e de entidades. A mobilização da imprensa escrita e televisiva, bem como das redes sociais por meio de fotografias, vídeos, textos e lives, foi fundamental na campanha, dando visibilidade às atrocidades que vinham ocorrendo na TIY. Lideranças yanomami e ye'kwana passaram a dar depoimentos e fazer denúncias em interlocução direta com jornalistas, políticos e influenciadores. Davi Kopenawa seguiu sendo um importante porta-voz das causas da TIY, mas lideranças mais jovens também passaram a participar nessa linha de frente do debate público, fazendo visível nas cidades a força e os desafios enfrentados pelos viventes da floresta.

A incorporação dos meios digitais na luta pela defesa da vida dos Yanomami é recente e, apesar de potente, também coloca questões. A partir do contato mais sistemático com a sociedade envolvente na década de 70, as imagens dos brancos (fotos, cartazes, revistas, mapas) penetram de modo crescente na floresta yanomami, acompanhando também o avanço das mercadorias e das *xawaras*, gerando uma nova forma de “war of images” (Albert, 2014:238). Em um movimento contínuo de contra efetuação e resistência, a apropriação de tecnologias e ferramentas dos brancos buscava subverter a violência do contato por meio de seus usos para interesse dos Yanomami (Jabra, 2022:115).

Na próxima seção, recuamos no tempo para abordar outra importante campanha protagonizada pelos Yanomami e aliados que também teve como principal antagonista o garimpo. Na campanha pela demarcação da TIY, é possível observar continuidades e singularidades em relação à campanha desenvolvida durante a pandemia. A força das imagens da floresta e da vida yanomami foram também cruciais, assim como as falas contundentes de Kopenawa, mas a escala de sua veiculação não contava ainda com a capacidade multiplicadora das imagens de vidro dos celulares.

“Campanha pela criação do Parque Yanomami”: a doença do ouro muito antes da covid

Carlo Zacchini, missionário católico aliado dos Yanomami há décadas, nos conta que na década de 1970 estava vivendo em uma comunidade desse povo e buscando aprender sobre seu mundo quando foram surpreendidos com obras da Perimetral Norte adentrando o território no oeste de Roraima. A rodovia cortou o território Yanomami em 220km, ao longo dos quais muitos indígenas adoeceram pelo contato com trabalhadores da obra e de outros empreendimentos de colonização rural que foram surgindo. Segundo o Instituto Socioambiental³⁶, a construção da estrada nas décadas de 1970 e 80 incorreu na morte de 80% da população indígena diretamente impactada. Por essa razão, a construção da Perimetral Norte foi reconhecida pela Comissão Nacional da Verdade como um caso de violação de Direitos Humanos no Brasil durante a Ditadura Militar.

Algumas das graves violações contra os povos indígenas no Brasil foram reconhecidas pelos tribunais e a responsabilidade do Estado ficou estabelecida[...]. Por sua vez, algumas autoridades brasileiras reconheceram um genocídio contra os índios: é o caso do procurador Jader Figueiredo, em seu relatório oficial de 1967, e do ex-ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, ao falar das políticas para com os Yanomami³⁷

Para agravar a situação, em 1975, por meio do projeto Radam Brasil, foi feito um levantamento dos recursos amazônicos que detectou a existência de grandes jazidas minerais no território yanomami. A publicidade dada a esse material desencadeou progressivas invasões das terras por garimpeiros. Em 1987, cerca de 45 mil pessoas chegaram à região subindo os rios Uraricoera e Mucajaí, de modo a invadir o território habitado pelos Yanomami para buscar ouro. Estima-se que 20% da população yanomami, contabilizada em cerca de 9 mil pessoas, morreu em decorrência de epidemias, conflitos e da desestruturação social nesse período.

³⁶ <https://expedicaoyanomami.socioambiental.org/>

³⁷ <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume%20%20-%20Texto%205.pdf>

Assim, entre os anos de 1970 e 1980, o garimpo e os planos de desenvolvimento da Amazônia foram deixando um rastro de destruição, mortes, poluição, violência e doenças que aniquilaram comunidades indígenas inteiras. Segundo o *sítio* da Funai³⁸, em 1988, o governo atestou a existência de cerca de 40 mil garimpeiros na TTY, montante cinco vezes maior do que a população indígena de todo o Estado de Roraima. Estima-se que cerca de 150 aviões pousavam todos os dias no aeroporto de Boa Vista, que na época chegou a ser o local de maior tráfego aéreo do país.

Como o italiano Zacquini, a fotógrafa suíça Cláudia Andujar e o antropólogo francês Bruce Albert passaram a conviver com os Yanomami nos anos 1970 e foram acompanhando todo esse processo. No período de 1971 a 1977, Andujar fez várias visitas de longa permanência a comunidades desse povo na região da bacia do rio Catrimani, em Roraima. Em 1977, a fotógrafa é obrigada a deixar o território e proibida pela Funai de voltar à área, mas conseguiu registrar a presença garimpeira na região (Andujar, 2018). Albert, a seu turno, no *Postscriptum* de sua obra com Kopenawa, conta o quão trabalhoso foi voltar ao campo mesmo após a expulsão de todos os pesquisadores e ativistas da área:

As condições de início desse segundo campo [1978] foram difíceis em vários aspectos. O novo bispo de Roraima, preocupado em impedir ingerências externas, tentou durante um bom tempo desestimular minha entrada na missão Catrimani, enquanto a Funai local se opunha com virulência à minha volta a campo em qualquer região da terra yanomami (Albert & Kopenawa, 2015, p.524).

Após superados esses obstáculos, ao entrar em campo, Albert se deparou com um cenário catastrófico. A casa coletiva da aldeia estava devastada. “Porém, pior que tudo, meus censos foram revelando aos poucos que pelo menos 68 habitantes do rio Catrimani, dentre os quais muitos conhecidos e amigos, tinham morrido na epidemia de sarampo do ano anterior” (*Idem*).

Cláudia Andujar, nesse mesmo período, é expulsa do território yanomami pelo governo militar por denunciar a situação. Havia assim uma busca sistemática por parte de órgãos oficiais de que não fossem veiculadas as atrocidades acontecidas nas terras yanomami. Cientes de que essa veiculação era fundamental para garantir a proteção do território e seus povos originários, Andujar, Albert e Zacquini criaram a Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY) em 1978. A ONG buscava veicular imagens e notícias e logrou atrair apoiadores em várias partes do mundo. Desde o início da CCPY, Davi Kopenawa foi um importante parceiro, veiculando suas reflexões sobre o garimpo e os não indígenas em meios de comunicação do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos. No livro *A luta Yanomami*, de Claudia Andujar, há um capítulo escrito por Bruce Albert em que o antropólogo conta como foi o encontro dele com a fotógrafa em Brasília no ano de 1977, em Brasília.

³⁸<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/1792-vinte-anos-de-homologacao-da-terra-indigena-yanomami-serao-comemorados-durante-assembleia?highlight=WyJ5YW5vbWFtaSJd&limitstart=0#>

Ambos fascinados por nosso encontro com os Yanomami e temerosos diante das ameaças que os projetos de desenvolvimento da ditadura militar representavam para sua sobrevivência, redigimos juntos um primeiro documento público a fim de defender a integridade de seu território (Albert, 2018, p.104).

Após esse encontro, voltaram a se reunir, desta vez em São Paulo, com a finalidade de preparar, juntamente com Carlo Zacquini e outros amigos – como Beto Ricardo, Maria Helena Pimentel e Alain Moreau – um projeto de demarcação das terras Yanomami. Assim, criaram uma associação chamada Comissão Pró-Yanomami, que mais tarde viria a se chamar Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), e lançaram uma campanha internacional de apoio aos direitos territoriais Yanomami. Uma matéria na Folha de São Paulo, publicada em agosto de 1993, afirma:

A Embaixada do Brasil em Washington recebeu ontem cópia da carta enviada ao presidente Itamar Franco, na qual 52 entidades ecológicas e de defesa dos direitos humanos dos EUA acusam “militares e políticos” de “tentar acabar com o direito dos povos indígenas viverem em paz em suas terras”. O documento diz que os signatários se sentem “ultrajados” com o massacre dos ianomâmis em Roraima[...].³⁹

Diferentemente da circulação das notícias na internet, naquela época a mídia impressa era o principal veículo de disseminação de notícias e formação da opinião pública, além dos telejornais. As viagens e palestras de Kopenawa, bem como a promoção de manifestações nas ruas também foram largamente utilizadas como forma de denunciar ao mundo as adversidades vividas pelos Yanomami em sua floresta. Em 1988, a Survival International organizou um protesto em frente às embaixadas de vários países e ações conjuntas com a CCPY levaram à ONU a causa yanomami. No mesmo ano, Kopenawa recebeu o Prêmio Global 500 da ONU, criado em 1987, a fim de reconhecer e homenagear indivíduos e organizações que, apesar dos obstáculos sociais, políticos e logísticos, lutam e contribuem intensivamente pela preservação do meio ambiente. Já em 1990 ele discursa no Tribunal Permanente dos Povos sobre a Amazônia brasileira e denuncia novamente o garimpo ilegal, lançando a pergunta: “O que os brancos fazem com todo esse ouro? Por acaso, eles o comem?” (Kopenawa & Albert, 2015, p.407).

A proposta inicial do governo brasileiro era que o território fosse demarcado em 19 “ilhas”, sendo o entorno das pequenas áreas liberado para desmatamento e exploração garimpeira, favorecendo assim sua vulnerabilidade a toda sorte de espoliação. Mas a CCPY e seus parceiros, com grande protagonismo de Kopenawa, conseguiram atrair a opinião pública e pressionaram o governo para que a TIY fosse homologada em 1992 em uma área contínua de 9.664.975 hectares nos estados de Roraima e Amazonas, resultando na maior terra indígena do Brasil. A homologação se deu às vésperas da ECO-92, quando o Brasil estaria em evidência nessa grande conferência internacional, sediada no Rio de

³⁹ <http://www.proyanomami.org.br/v0904/index.asp?pag=noticia&id=3431>

Janeiro, voltada para o desenvolvimento sustentável e as questões ambientais (Carneiro da Cunha & Almeida, 2010).

Em 1992, com a homologação da terra pelo governo brasileiro, houve uma grande operação que retirou os garimpeiros do território. Contudo, uma leva voltou em 1993 e no dia 17 de agosto ocorreu um massacre na aldeia Haximu, quando 16 yanomami foram assassinados⁴⁰. O massacre foi intensamente noticiado, mas com informações imprecisas e desencontradas.

Ao lado de Davi, artistas e antropólogos produziram e seguem produzindo imagens potentes que tiveram importantes desdobramentos na trajetória desse povo, como, por exemplo, o trabalho de Cláudia Andujar, fundamental para dar testemunho das consequências trágicas dos governos militares com a construção da Rodovia Perimetral Norte na década de 70 e, mais tarde, com a explosão do garimpo da década de 80, assim como na luta pela demarcação da TIY na década 90. Do mesmo modo, uma fotografia divulgada pelo missionário italiano Carlo Zacchini foi essencial para trazer ao mundo dos *napê* a tragédia que os Yanomami estavam vivendo. Estampada na capa de jornais de todo o mundo no ano de 1993, a imagem mostrava mulheres com seus rostos pintados de jenipapo segurando cabaças com as cinzas dos mortos pelo massacre de Haximu.

Ao longo da campanha pela demarcação da terra e na intensa militância pelos direitos dos povos da floresta nos anos seguintes, Kopenawa se mostrou um contundente tradutor de mundos, equacionando sua potência xamânica e profundo conhecimento do universo yanomami com uma grande sensibilidade antropológica relativa ao mundo dos brancos. Sua trajetória inclui a convivência com missionários que atuaram nas aldeias yanomami, o trabalho na Funai e posteriormente com ambientalistas, antropólogos e ativistas (Kopenawa & Albert, 2015; Albert, 1992).

Além das imagens, as palavras de Davi também circularam e transformaram o pensamento de muitos não indígenas. Albert (1995) põe em evidência os temas “ecológicos” dos discursos políticos de Davi Kopenawa, dada a convergência da importância da floresta para a vida yanomami e das pautas ambientalistas de aliados entre os brancos. Para além de Kopenawa, houve uma importante inflexão do movimento indigenista, a partir dos anos 1980, para as questões ambientais, de modo a adensar suas redes de apoio. Albert mostra como o discurso de Kopenawa sobre o direito dos Yanomami a manter o uso exclusivo de sua terra se apoia na expressão *urihinoamãĩ*, que significa tanto “recusar-se (a entregar)” como “proteger” (*noamãĩ,-*) a “terra, a floresta” (*urihĩ*).

⁴⁰<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/organizacoes-indigenas-lembram-os-20-anos-do-massacre-de-haximu>.

Seguindo com Albert, em suas falas em português, Kopenawa traduz *urihi* empregando-lhe ora um sentido jurídico (“demarcar a nossa terra indígena”), ora uma conotação ambientalista (“proteger nossa floresta”). Ambas as frases e suas intenções subjacentes não remetem apenas à garantia de um espaço essencial para a existência física dos Yanomami. “É também preservar da destruição uma trama de coordenadas sociais e intercâmbios cosmológicos que constituem e asseguram a sua existência cultural enquanto ‘seres humanos’ (*yanomae tʰëpë*)” (Albert, 1995, p.10). O autor ainda destaca uma afirmação de Kopenawa de que os Yanomami não usam a palavra “meio ambiente”, dizendo apenas que querem proteger a floresta inteira. “Meio ambiente” é uma palavra dos brancos, em referência ao que resta daquilo que destruimos (Albert, 1995, p.20).

Desde os primeiros contatos, objetos manufaturados, como facões e roupas, vinham acompanhados de uma poeira que, quando suspensa no ar, remetia à imagem da fumaça, *xawara*, agenciadora de doenças. *Xawara* é tanto o nome do efeito da fumaça nos corpos, adoecendo-os, devorando-os, como da fumaça que produz esse efeito. Assim, nos primeiros contatos com não indígenas, os Yanomami atribuíram uma morbidez aos objetos e chamaram as epidemias de “fumaça das ferramentas, fumaça do metal” (Kopenawa & Albert, 2015, p.82). Ao longo do tempo, a “epidemia-fumaça” passou a incorporar, no vocabulário yanomami, primeiramente, a “fumaça do ouro”, depois “a fumaça de minério”, em seguida incorporou a noção de “fumaça das fábricas”, e por último assimilou o conceito de “poluição”. A ampliação dos sentidos dados à *xawara* levou-a de uma interpretação epidemiológica das alteridades dos brancos – que ainda se faz presente – a uma crítica cosmológica e xamânica de sua atividade econômica.

A contundência discursiva de Kopenawa, tanto em falas públicas como nas conversas com Albert posteriormente traduzidas, editadas e convertidas em livro, não apenas denuncia o que acontece na TIY de modo a atrair apoios, como também elabora uma crítica contundente aos brancos, buscando colocá-los em movimento. Desde o início da campanha pela demarcação, sua estratégia é fazer visível a grandes audiências (e posteriormente leitores) a vida yanomami na floresta, o mundo dos *xapiri* e o próprio mundo dos brancos por ele posto em perspectiva. Assim, os não indígenas acabam reconhecendo-se como também um povo, o povo das mercadorias, e sendo capaz de estranhar-se.

No diagnóstico e prognóstico xamânico de Kopenawa, os brancos acabarão por sucumbir no caos causado por sua busca doentia por mercadorias e minérios. Ainda que tenham escavado apenas o metal mais próximo à superfície, as palavras de *Yoasi* (o “criador da morte”, irmão maléfico de *Omama*) os incitam a ir em busca do “verdadeiro metal”, “o mais sólido, mas também o mais temível” (Kopenawa & Albert, 2015, p.358), escondido por *Omama* nas profundezas da terra. Debaixo do subsolo, escondido e coberto por toda a floresta, ele não oferece perigo. Todavia, se fosse um dia arrancado

pelos brancos, o seu calor, não mais coberto, incendiaria a terra e “a poderosa fumaça amarelada de seu sopro se espalharia por toda parte, como um veneno tão mortal quanto o que eles chamam de bomba atômica” (*idem*, p.359). Tendo sido retirada sua sustentação metálica, “a terra se rasgará e todos os seus habitantes cairão no mundo de baixo” (*ibidem*). Por fim, o céu cairá e exterminará todos os viventes, como aconteceu no primeiro tempo.

A vingança da terra (conclusão)

Na época da demarcação da TIY, no início dos anos 1990, a perspectiva de aquecimento global e colapso do planeta começava a assombrar os brancos, e a ECO-92, sediada no Brasil, foi um contexto importante para que os Yanomami se fizessem ouvir. Já hoje em dia as mudanças climáticas que podem inviabilizar a vida na terra são foco de ações políticas, acordos comerciais e de cooperação envolvendo governos de numerosos países. Mas essa pauta foi desprezada pelo governo federal durante a pandemia, e a floresta yanomami foi intensamente devastada por dezenas de milhares de garimpeiros a serviço de empresas, algumas delas associadas ao crime organizado, que trouxeram a covid, a fome e outras adversidades. Como esse texto buscou acompanhar, os povos da TIY lançaram mão da campanha “Fora Garimpo, Fora Covid” para denunciar e buscar apoio nas redes digitais.

Kopenawa viajou para muitos lugares, mas suas palavras e as imagens feitas por Andujar e outros aliados viajaram muito mais nas *peles* de livros, de jornais, revistas e documentos. Já na campanha durante a pandemia, as telas de vidro potencializaram a escala dessa veiculação, num contexto em que a orientação aos brancos era ficar em casa, e os celulares e computadores se consolidaram como flechas que alteram afetos e ideias, para usar uma imagem de Kopenawa em relação a seu livro: uma flecha para alcançar o coração dos brancos. As imagens de vidro talvez tenham sido a principal arma do governo Bolsonaro para capturar o pensamento-sentimento de muitos brasileiros. Mas flechas e sopros da floresta atingiram as cidades e chamaram a atenção de um grande contingente.

Hanna Limulja, em reportagem à revista Sumaúma, afirma que em 2023, completados 30 anos do genocídio de Haximu, a história mantém seus paralelos, porém “dessa vez os registros fotográficos dão prova do que acontece no meio da floresta. Nós, povo da mercadoria, como pontua [Davi Kopenawa](#), também somos o povo da imagem, e é por meio dela que podemos constatar a calamidade que os Yanomami estão vivendo”⁴¹.

⁴¹ Disponível em: <https://sumauma.com/ceu-yanomami-imagem-hutu-mosi-hanna-limulja/>

Kopenawa afirma que é somente por meio de palavras desenhadas que os brancos conseguem aprender. Uma vez colocadas no papel, aí sim se tornam inesquecíveis. Com a proliferação das redes sociais na internet, entretanto, esse formato se atualizou e agora cada vez mais pessoas de povos originários também se valem de tecnologias digitais para veicular lives, vídeos e *posts* para que os não indígenas conheçam e reconheçam a vida nas aldeias, seus saberes e reivindicações. A campanha “Fora Garimpo, Fora Covid!” pode ser pensada nessa chave, uma vez que foi uma iniciativa *online* com o intuito de capturar a atenção dos não indígenas e sensibilizá-los para a tragédia que está posta com a pandemia, a crescente invasão e destruição da TIY pelo garimpo e a omissão do Estado brasileiro no combate a esses problemas.

Essa proliferação de notícias e imagens dos Yanomami pelo mundo, contudo, precisa ser enxergada com cuidado. Fotos que adentram ao universo da internet dificilmente conseguem ser totalmente tiradas de circulação, e por isso são potencialmente perigosas para os Yanomami. Entre eles, é preciso realizar uma separação entre vivos e mortos, e todos os rastros daqueles que se foram devem ser destruídos aqui na terra, para que o morto possa alcançar o *hutu mosí* – céu em que vivem os *pore*, “espíritos” daqueles que se foram.

A imagem – ou *utupë* – é um dos elementos internos à pessoa. Desse modo, faz parte do morto e, caso permaneça circulando por esse mundo, continua chamando-o para perto, fazendo com que nem o falecido nem os vivos consigam seguir seus caminhos em paz. Assim como as mães sanumá que tiveram seus filhos enterrados no cemitério de Boa Vista e não puderam dar o tratamento adequado aos seus corpos, a permanência das imagens daqueles que se foram enseja a sua continuidade nesse plano. Sílvia Pellegrino (2008), sobre os agenciamentos que os elementos internos à pessoa produzem, afirma que

Coletivos inomináveis, grupos e pessoas subtraídas que atualmente habitam um outro patamar da esfera celeste são agentes invisíveis dessa teia de relações. Rememorá-los é reconstituir e tecer seus traços de imaterialidade entre tempos e lugares. As imagens constituem também um núcleo de sentido dessa rememoração; no entanto, comportam um elemento adicional: a visão. Uma fotografia traz à tona um contexto da memória, assim como da permanência do morto no ambiente de sua existência passada. Permanência e obliteração são os núcleos de incompatibilidade e conexão entre esses feixes diferenciados. Enquanto a primeira, a rede de permanência, tece sua continuidade e a continuidade dos rastros imateriais, as segundas produzem sua própria finitude e a finitude de seus rastros (Pellegrino, 2008:163).

Davi Kopenawa sabe que sua imagem permanecerá nesse mundo após sua morte, e, por conta disso, talvez seu *pore* não alcance a felicidade *post-mortem* nas costas do céu. Todavia abriu essa concessão pois entendeu que era necessário levar ao mundo dos *napë* as atrocidades que, há anos, vem sendo cometidas contra os Yanomami, na tentativa de mobilizar o apoio e a solidariedade desses Outros. Assim, Davi afirma

As imagens que mostramos para vocês são o rastro da mão dos Yanomami. Elas foram desenhadas em nossas casas, em nossa floresta. Os brancos as pediram para que sejam vistas em suas cidades. Mas nós não as enviamos para tão longe sem motivo. Nós o fizemos para que eles, por sua vez, pensem direito e digam: “Haixopê! Então é assim que se deixa ver a beleza da floresta dos Yanomami!”. No entanto, mesmo de longe, ainda manteremos o nosso cuidado com essas imagens (Kopenawa & Albert, 2022:81).

Na mesma direção, a fim de estabelecer um pacto em torno das imagens que sairiam da comunidade de Wakitiki para adentrar o universo dos brancos, o sogro de Kopenawa, em um dos encontros que resultaram na exposição Yanomami L’esprit de la forêt – apresentada em 2003 na Fundação Cartier – afirma:

Nós não gostamos que os estrangeiros peguem nossas imagens e as levem para longe, é verdade, porque quando nós morrerem elas não poderão ser queimadas! [...]. Nós faremos isso para que vocês mostrem essas imagens aos seus e às outras gentes distantes, pois queremos que nos ajudem a defender nossa floresta contra os brancos comedores de terra que, aqui, querem destruí-la! (Albert, 2014:244-245, em tradução livre da autora).⁴²

Tal pacto, simultaneamente moral e político, evidencia o desejo dos Yanomami de controlar suas imagens e, sobretudo, de participar ativamente de sua exposição. De acordo com Valeria Vega (2023), para que consigamos entender os agenciamentos que se fazem presentes nessa relação, precisamos “abraçar um tipo específico de imagem-parentesco-território que, por um lado, reafirma os laços que unem mortos e vivos e, por outro, defende uma visualidade em resistência, impregnada de uma maneira de viver o mundo”⁴³.

Entre 2019 e 2022, a mineração e o desmatamento converteram-se em agendas de governo, empreendendo um desmonte das políticas e órgãos indigenistas⁴⁴ e de proteção ambiental⁴⁵, com o presidente da república afirmando abertamente seu desejo de legalizar a mineração e o garimpo em Terras Indígenas⁴⁶. Este artigo buscou trazer à cena aspectos da resistência dos Yanomami quando essa crise ambiental e política foi justaposta à crise sanitária trazida pela pandemia, articulando-a a experiências históricas envolvendo doenças, metais e mercadorias que já se fazem presentes há muito tempo, mas que se atualizaram e ganharam centralidade com a chegada da covid.

Como Davi e mais recentemente Dario apontam, a pandemia constitui um reflexo do nosso descuido com o planeta, assim como as mudanças climáticas, que reconhecem como *vingança da terra*. Tanto a covid como a frequência crescente de desastres ambientais são retaliações de seres visíveis e

⁴² We do not like foreigners to take our images and go away with them, it is true, because when we die they can’t be burned! [...]. We do it so that you will show these pictures to your people and to other people far away because we want them to help us defend our forest against the white land eaters here who want to destroy it! (Albert, 2014:244-245, versão original).

⁴³ Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2023/notas-sobre-a-retomada-visual-yanomami>

⁴⁴ Por ex.: <https://cimi.org.br/2020/06/com- apenas-002-orcamento-uniao-valor-gasto-funai-junho-mais-baixo-dez-anos/>

⁴⁵ Por ex.: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/03/sob-bolsonaro-multas-ambientais-caem-34-para-menor-nivel-em-24-anos.shtml>.

⁴⁶ Por ex.: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-05/bolsonaro-anuncia-projeto-que-permite-garimpo-em-area-indigena-e-sugere-confinar-ambientalistas.html>.

invisíveis frente à negligência e devastação dos não-indígenas. Quando os brancos não a respeitam, cavam e destroem a floresta como se fossem tatus canastra, liberam as *xawara*, as fumaças de epidemia que estavam presas e que, cobertas pela mata, não ofereciam perigo. Em novembro de 2022, Kopenawa afirma na revista *Sumaúma*:

Todos os *napëpë* [brancos] ficam falando de proteger as florestas. Falam de mudanças climáticas, desmatamento, poluição dos rios, mercúrio, doenças, mineração[...]. Mas as pessoas não resolvem isso, não resolveram nada. Esse termo, “mudanças climáticas”, para mim é outra coisa. Eu chamo mesmo de “vingança da Terra”, de “vingança do mundo”, é assim que eu digo. Os *napëpë* chamam de “mudanças climáticas”, mas nós, Yanomami, quando fazemos xamanismo, chamamos de “transformação do mundo, tornar o mundo ruim já que os *napëpë* causam a revolta da Terra”. Os *napëpë* incendiam as árvores; a Terra-floresta está com raiva, está se vingando, está fazendo chover muito, ter grandes ondas de calor, em alguns lugares está faltando água e em outros está chovendo demais, e outros ainda estão frios.⁴⁷

Morzaniel Yanomami, em *live* promovida pelo SESC São Paulo no canal do YouTube⁴⁸, comenta a proliferação de garimpeiros na TIY, dificultando o trabalho dos xamãs para proteger a floresta. Os espíritos dos rios que estão sendo degradados e das árvores derrubadas sonham e, portanto, agenciam uma vingança da floresta. Já os brancos, afirma Kopenawa (2015), os brancos dormem muito, mas só sonham consigo mesmos.

Assim como a obra de Kopenawa, o livro recente de Limulja (2022) teve grande repercussão, nas peles de papel e nas telas vidro, abordando o sonho entre os yanomami. Em conversa conosco, a antropóloga afirma que talvez a lição mais profunda a se tirar do pensamento onírico yanomami é que todas as coisas que existem possuem uma ‘imagem’ (*utupë*), e, assim, a princípio, tudo sonha. O fato de Kopenawa falar “eles só sonham consigo mesmos”, se referindo a nós, está completamente ligado a isso, uma vez que os Yanomami sonham com outros e aprendem com eles nessa experiência.

Limulja também aponta que esse sonhar com um Outro está fortemente relacionado à ideia de cuidar. “Eu acho que esse sonho com o outro é a ideia de que a gente não está sozinho nesse mundo. E é uma ideia de que os povos da floresta têm muito, não só os Yanomami. A gente não está sozinho, e é por isso que a gente não pode desmatar a floresta, porque a floresta também está viva, a floresta também respira. Há outros seres no mundo além de nós”, afirma a antropóloga em nossa conversa.

Podemos falar, hoje, de um movimento crescente que invade as artes e as ciências e reconhecer como “efeito Kopenawa”, refletido também na agenda intensa em eventos do líder indígena no Brasil e no mundo. O filme “A última floresta”, dirigido por Luiz Bolognesi e lançado em 2021, já se encontra na plataforma de *streaming* Netflix, além de ter recebido quatro prêmios em festivais internacionais e ter sido o vencedor na categoria Grand Prix da Comic Com Experience Awards 2022, ocorrida no mês

⁴⁷ <https://sumauma.com/para-mim-o-termo-mudanca-climatica-significa-vinganca-da-terra/>

⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CS14cG602bo>

de julho, em São Paulo. Kopenawa também recebeu título de doutor *honoris causa* na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 2021, e na Universidade Federal de Roraima (UFRR), em 2022.

A queda do céu nos apresenta palavras de um mundo que não o nosso e que, portanto, abre caminhos para a nossa suspensão, proliferando as maneiras de pensar as questões que nos colocam em ligação com os Yanomami, em uma correlação entre mundos. Historicamente colocados à margem do debate público, os enunciados indígenas vêm ocupando cada vez mais centralidade, e Kopenawa tem um papel pioneiro nesse movimento, assim como Krenak (2019, 2020, 2020a, 2022) e vários outros que têm compartilhado reflexões, denúncias e reivindicações em peles de papel e telas de vidro nos últimos anos.

Referências

- A última floresta. Direção de Luiz Bolognesi. Roteiro de Davi Kopenawa. Brasil: Gullane/Buriti/Hutukara Associação Yanomami/Instituto Socioambiental,2021,96 min.
- ALBERT, Bruce. Temps du sang, temps des cendres: représentation de la maladie, espace politique et système rituel chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne). Tese (Doutorado) Laboratoire d’Ethnologie et de Sociologie Comparative/Université de Paris X-Nanterre, Paris, 1985.
- ALBERT, Bruce. A fumaça do metal: história e representações do contato entre os Yanomami. Anuário antropológico, n.89,p.151-189,1992. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6434>
- ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: Uma crítica xamânica da economia política da natureza. Série Antropologia, 174. Brasília, UnB, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1849409/course/section/474081/pub405-2.pdf>
- ALBERT, Bruce. Back to the Image(s). Memoires Vives-140729-p105-248.indd. p.237-248, 2014, 230p.
- ANDUJAR, Claudia. A luta yanomami. São Paulo: Instituto Moreira Salles,2018. ISBN 978-85-8346-050-3.
- ANDUJAR, Claudia. Marcados. São Paulo: CosacNaif,2009.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manoela; ALMEIDA, Mauro W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. CARNEIRO DA CUNHA, Manoela (ed.). Culturas com aspas e outros ensaios. São Paulo, CosacNaify,2010.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental,2014.
- GOMES, Ana Maria; KOPENAWA, Davi. O cosmo segundo os yanomami: hutukara e urihi. Revista UFMG, v.22, n.1.2, p.142-159, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2743>
- GUIMARÃES, Sílvia. Cosmologia Sanumá: o xamã e a constituição do ser. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília (UnB), 2005.

- JABRA, Daniel. Pacificar os Brancos e Retomar as Imagens. Imagens Indígenas do Sul e do Norte: Cinemas Yanomami. FórumDoc.BH. Belo Horizonte, 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 729p. ISBN: 798-85-359-2620-0.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. O Espírito da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KOPENAWA, Davi. Sonhos das origens. Descobrindo os Brancos. Website Instituto Socioambiental,2001. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Sonho_das_origens/Descobrindo_os_Brancos
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras,2019.
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras,2020.
- KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras,2020.
- KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LIMULJA, Hanna. O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022, 189p. ISBN: 978-65-86497-91-5.
- MACHADO, Ana Maria et al (Org.). Xawara: rastros da covid-10 na Terra Indígena Yanomami e a omissão do Estado. Instituto Socioambiental, São Paulo,2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/xawara-rastros-da-covid-19-na-terra-indigena-yanomami-e-omissao-do-estado>
- PELLEGRINO, Sílvia. Imagens e Substâncias como Vínculos de Pertencimento: as experiências Wajãpi e Yanomami. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), 2008.
- SILVA, Marcelo Moura; ESTELLITA-LINS, Carlos. A *xawara* e os mortos: Os Yanomami, luto e luta na pandemia da Covid-19. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre,n.59,p.267-285,2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/5185>
- TOTTI, Brisa Catão. Os Yanomami, a Hutukara e os desafios de seu pacto político. Dissertação PPGAS-UFSC, Florianópolis,2013.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. Cadernos de campo n.14/15, p.319-338,2006. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/eventos/viveiros-floresta>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: CosacNaify, 2015, 287p. ISBN:978-85-92886-06-6

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Prefácio: O recado da mata. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.